

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MARISA HELENA ALVES DOS SANTOS

O(A) MENINO(A) E A RUA: UBERLÂNDIA - 2002.

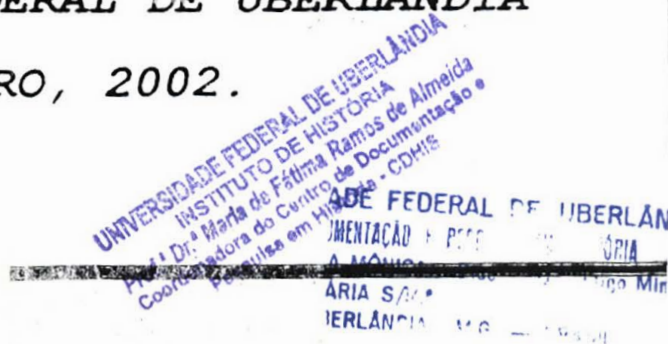


Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Bacharelado em História junto ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profª Drª Christina da Silva Roquette Lopreato.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

SETEMBRO, 2002.

1697 5.9 (C)

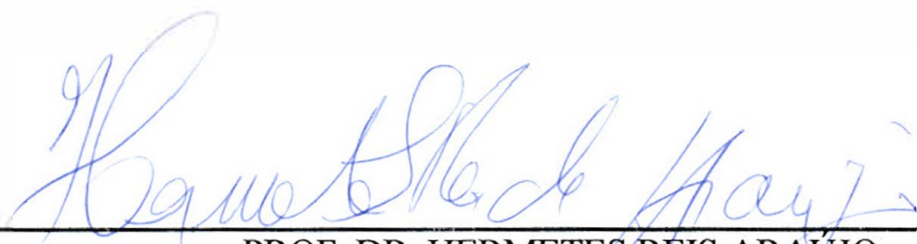


BANCA EXAMINADORA



PROF^a. DR^a. CHRISTINA DA SILVA ROQUETTE LOPREATO

ORIENTADORA



PROF. DR. HERMETES REIS ARAÚJO

EXAMINADOR



PROF. MS. MARIA ANDRÉA ANGELOTTI

EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **Profª. Drª. Christina da Silva Roquete Lopreato** pela orientação no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também à **Luciana Cândida** que no início do trabalho me acompanhou pelas ruas, procurando os meninos.

Ao meu namorado **Frederico** pelo apoio na realização deste trabalho.

À **Kaita** e a **Cibele Batista**, pela digitação dos textos.

À **equipe do Programa Casa Aberta**, principalmente à **Izabel Cristina** pelas informações sobre os meninos e o Programa.

Aos professores **Hermetes Reis de Araújo** e **Maria Andréa Angelotti** pela disponibilidade em participar da banca examinadora.

E por fim aos **meninos de rua** que contribuíram com suas experiências de vida.

ÍNDICE

Apresentação	P.06
Capítulo 1 – Algumas Reflexões sobre a Temática.....	P.68
Capítulo 2 – O(a) Menino(a) e a Rua em Uberlândia.....	P.29
Capítulo 3 – Programa Casa Aberta.....	P.38
Considerações Finais.....	P.46
Bibliografia e Fontes Periódicas.....	P.48
Anexos.....	P.50

A VOZ DO MENINO

Ei! Psiu!

Olha para mim.

Estou aqui ao teu lado.

Por todo lado.

Mas não precisas olhar assim...

Com esse olhar desconfiado, de quem vai dizer:

- Não tenho trocado.

Nem precisas te preocupar...

Não tenho canivete, não sou pivete.

Sou menino.

Não quero tirar nada teu, ou melhor, quero sim.

Gostaria que me desses um sorriso, não aquele amarelo, mas daquele sincero, sorriso de amigo.

Sou carente sim, reconheço.

Carente de teu apreço.

Por favor, olha pra mim.

Quando eu estiver do teu lado, mesmo pedindo trocado, olha bem para mim.

Tu verás um menino, meio franzino, meio crescido, um tanto desiludido quanto ao seu próprio destino.

Por favor, olha por mim.

Ivone Maria de Lima Jaime

Grupo de Incentivo e Apoio à Adoção

Ourinhos/SP.

APRESENTAÇÃO

Sempre tive vontade de trabalhar com crianças, de estar próxima a elas. A vontade era tanta que hoje sou professora do ensino primário. Ser criança é maravilhoso, poder brincar, aprender coisas novas na escola, no dia – a – dia, ser paparicada pelos pais. A infância é uma fase que, quando bem vivida, nos deixa grandes saudades. Eu tive uma boa infância, talvez por isso gosto tanto de estar com crianças.

Decidi, então, escolher um tema que estivesse mais próximo do meu trabalho, da minha vocação. Vários temas me foram sugeridos e um tema me tocou mais que foi meninos de rua. Então comecei a lembrar que via muitos meninos no sinaleiro do Center Shopping, entre Av. Rondon Pacheco e Av. João Naves de Ávila e nos barzinhos em que eu freqüentava e comecei a elaborar o meu projeto de pesquisa.

É muito triste saber que nem todas as crianças vivem como crianças. Os meninos e meninas que vagam e/ou vivem pelas ruas aprendem a viver diferente, a lutar pela sobrevivência, a viver sem a família, deixam aos poucos a escola, aprendem a roubar, a usar drogas ... Existem milhares de crianças e adolescentes vagando e vivendo pelas ruas das grandes cidades. Estes são denominados pela sociedade de “meninos de rua”, “menores de rua”, “menores abandonados”, “menores carentes”.

As informações que tinha sobre meninos de rua eram mínimas, então parti em busca de bibliografia especializada sobre o assunto e aos poucos fui descobrindo e aprendendo sobre a realidade vivida por meninos e meninas nas ruas.

Já existem diversos livros, artigos, reportagens e até filmes, mostrando o perfil de crianças e adolescentes nas ruas, o descaso da sociedade e do Estado em relação a eles, a violência policial, o abandono pela família, a desorganização e repressão em instituições, o envolvimento com drogas, a pobreza, e etc.

As informações a respeito de crianças e adolescentes que vagam e/ou vivem nas ruas são chocantes. São verdadeiras denúncias da realidade subumana infanto-juvenil nas ruas e, mesmo assim, ainda nos deparamos com meninos e meninas nas ruas, nas praças, nas portas de estabelecimentos comerciais pedindo esmolas.

Quem são esses meninos(as)? Como vivem? O que os levou para as ruas? O que se fez e se faz para tira-los da rua? Por que ainda continuam nas ruas? Essas são

questões de grande importância que devem ser discutidas para se entender a causa de tantas crianças e adolescentes nas ruas.

Para iniciar este trabalho, achei necessário fazer um balanço bibliográfico a respeito do tema, para que o leitor fique mais informado sobre a situação de meninos e meninas nas ruas em outras partes do país.

No primeiro capítulo, faço então um balanço bibliográfico sobre a temática, mostrando a realidade vivida por meninos de rua em outras parte do país. No segundo capítulo, procuro retratar a realidade vivida pelos meninos nas ruas de Uberlândia, as causas que os levaram a freqüentar as ruas e como vivem. No terceiro capítulo, falarei sobre um programa mantido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia para tirar meninos e meninas das ruas, o Programa Casa Aberta.

CAPÍTULO 1

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA

Sabe-se que existe uma desigualdade social muito grande em nosso país. Uma pequena parcela da população brasileira tem uma boa situação econômica e uma grande parcela vive na pobreza e na miséria. Segundo a revista *Veja*, “há 30 milhões de pessoas vivendo com extrema dificuldade, donas de uma renda mensal per capita inferior a R\$ 80 reais. E há mais 23 milhões que vivem em pior situação...”¹. Ainda na pesquisa realizada pela revista *Veja* “*Os menores de idade representam quase a metade do universo de miseráveis brasileiros. As pessoas que têm até 15 anos representam 30% da população brasileira, mas são 45% do universo de miseráveis*”.²

E neste contexto de pobreza e miséria é que nascem e crescem milhares de crianças, que possivelmente mais tarde estarão vagando pelas ruas, fugindo da violência dos pais, à procura de comida, de dinheiro, de trabalho, de drogas.

O desemprego, a pobreza, a miséria, a violência, o alcoolismo e a desestruturação da família são fatores que obrigam muitas crianças e adolescentes a irem para as ruas. Estas não agüentam mais a vida que levam em casa e assim procuram a rua.

*“Crianças e jovens empobrecidos estão na rua, não porque são vadios, muito menos porque são menores, tampouco por serem filhos de pais irresponsáveis, mas essencialmente por precederem de famílias vitimadas pelas exorbitâncias das disparidades sociais”.*³

Percebe-se que as famílias pobres possuem um número maior de filhos e quanto maior a família, mais crianças estarão nas ruas. Mas esta não é a causa de sua pobreza, e sim a desigualdade social.

¹ O paradoxo da miséria. *Revista Veja*, 23 de Janeiro 2002, ano 35, nº 3, p.82.

² Idem.

³ NUCEPEC-UFC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança). *Infância e Adolescência em discussão*. Fortaleza. 1994. P. 94.

“Como consequência do emprego inadequado dos recursos, o Brasil aparece todos os anos nas listagens internacionais como um dos países com maior concentração de renda do planeta”⁴

Muitas vezes, as crianças e adolescentes são obrigados a irem para as ruas, assim também como os pais, para pedir esmolas ou trabalhar para aumentar a renda da família.

“As famílias pobres e exploradas buscam sobreviver, na desigualdade, através do trabalho. O trabalho da criança e do adolescente constitui um dos recursos que as famílias pobres utilizam para aumentar a renda...”⁵

À família deve se assegurar trabalho, saúde, educação, alimentação e moradia. Somente com essas condições garantidas é que crianças e adolescentes sairão das ruas e não serão obrigadas a enfrentar situações desumanas e de riscos. A família é importantíssima para a formação da personalidade dos filhos.

A falta de condições de vida digna, as brigas constantes, as separações, o alcoolismo dos pais levam à desestruturação familiar. Os filhos, nesse meio, são vítimas de humilhações e de maus tratos e o refúgio que procuram para esse drama é a rua. Vicente Faleiros afirma:

“A situação de exploração vivida pela família proletária gera frustração e revolta, que levam muitas vezes à agressão às crianças e/ou ao uso do álcool como forma de evasão”.⁶

A casa, neste momento, deixa de ser um lugar de segurança e proteção, tornando um lugar de risco e de violência. Segundo Glória Diógenes:

⁴O Paradoxo da Miséria. *Revista Veja*, 23 de Janeiro 2002, ano 35, nº 3

⁵FALEIROS, V. “A Fabricação do Menor”. Brasília, *Revista Humanidades*, V. 4. Nº 12, 1992. P.7

⁶FALEIROS, V. “A Fabricação do Menor”. Brasília, *Revista Humanidades*, V. 4. Nº 12, 1992. P.9

“Nas famílias marcadas pela fome e pela miséria, a casa representa um espaço de privação, de esgaçamento dos laços de solidariedade, de vazio e instabilidade. A casa deixa de ser um espaço onde a criança encontra abrigo, cuidado, orientação, ocasiões de sociabilidade e tempo livre, para tornar-se espaço de conflito, risco, solidão e servidão...”⁷

Existem meninos que freqüentam a rua, mas ainda têm vínculos com a família. Eles ficam boa parte do tempo nas ruas, mas voltam para casa. Existem também aqueles que fogem e não voltam mais e os que são abandonados pelos pais. Estes vivem realmente nas ruas.

“O menor na rua” é aquele que passa grande parte do tempo perambulando, vendendo nos semáforos, fazendo biscates, mas que ainda tem algum vínculo familiar, ou seja, tem para onde e para quem voltar, mesmo que não o faça diariamente; O “menor de rua” é aquele que vive na rua, faz dela a sua casa em todos os momentos, não preserva mais os laços familiares, a ponto de perder o contato definitivamente; organiza-se em grupos, escolhendo determinados logradouros públicos como referência, como ponto de encontro, e dedica-se a biscates ou pequenos furtos.”⁸

É na rua que as crianças e adolescentes aprenderão a viver em grupo (pois vivendo isolados a vida na rua se torna mais difícil) e em liberdade, a ter linguagem e normas próprias. Uma grande parte é usuária de drogas e o que consegue ganhar nas ruas, uma parte será destinada para ajudar em casa, a outra para as drogas.

⁷ NUCEPEC-UFC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança). *Infância e Adolescência em discussão*, Fortaleza, 1994. P. 137

⁸ DREXEL, Jonh. IANNONE, Leila Rentroia. *Criança e Miséria – Vida ou Morte?* São Paulo: Moderna, 1989. P. 63

O consumo de drogas está aumentando cada vez mais. O mercado das drogas é poderoso. Segundo a revista *Veja*:

“As vendas de drogas movimentam anualmente a astronômica cifra de 150 milhões de dólares em todo mundo – praticamente a metade do que gera a indústria farmacêutica”.

*“Em São Paulo, pesquisa feita entre jovens de 18 a 24 anos mostra que 80% declararam ser muito fácil obter maconha e 70% não vêem obstáculos para conseguir cocaína”.*⁹

Existem também os chefes de gangues que dominam os meninos de/na rua e também oferecem proteção a eles. Segundo Luciana Cândida que pôde acompanhar por um certo tempo meninos nas ruas de Uberlândia:

*“As regras para os meninos que ficam no semáforo do Shopping giram em torno de não cair nas mãos dos policiais, na garantia de permanência no grupo e no livre acesso a boca-de-fumo. Eles ficam no semáforo pedindo moedas e um só menino vai na boca comprar a droga, muito utilizada entre eles. Geralmente tem o “cafetão”, que dá a primeira amostra da droga e os vicia. A partir daí, eles passam o tempo todo pensando em ganhar mais e mais dinheiro para poder obter a droga”.*¹⁰

Sarah de Carvalho que também conviveu durante muito tempo com os meninos de rua no Rio de Janeiro, no morro do Borel, também pôde conhecer gangues e ficou impressionada com um dos líderes com o apelido de “Moleque”:

“Ele é um dos meninos mais perigosos e poderosos da rua... um dos líderes mais temidos da cidade. Ele tem o domínio até sobre os

⁹ Droga e agonia no auge da vida. *Revista Veja*, 9 de Janeiro, 2002, ano 35, nº 1

¹⁰ MORAIS, Luciana Cândida. *Meninos de Rua de Uberlândia nos anos 90*. Monografia para obtenção do título de Bacharel em História Uberlândia: UFU, 2002. P. 22,23

mais velhos. Muitos não sobreviveriam nas ruas sem a proteção dele. Ele é muito usado pelos traficantes nas favelas como o “aviãozinho” deles. Isso significa que o mandam levar drogas aos clientes e voltar com o dinheiro. Como recompensa, ele recebe cocaína, cola e dinheiro.”¹¹

Além de usar drogas, os meninos também cometem delitos (furtos , porte de maconha, homicídio, latrocínio, estupro, etc.) tornando-se infratores. A busca pelo dinheiro se torna insaciável e não importa a forma de consegui-lo.

“A trajetória do “menor bandido”, contudo, quase sempre começa com o roubo do pão para comer. Daí para a prática de pequenos furtos, do roubo propriamente dito, do assalto, do assassinato e do uso de drogas é só uma questão de tempo. Tornam-se realmente violentos, ágeis e destemidos, às vezes provocam intranquilidade, desordem e pânico. A escola do mundo da fome, da violência e da criminalidade é pródiga em ensinamentos e mantém constantemente atualizado seu sistema de reciclagem”.¹²

Pedir o dinheiro nas ruas é uma forma de não roubar, mas se não conseguem ganhá-lo procuram outra forma de consegui-lo que provavelmente será o roubo.

A presença dos meninos nas ruas pode gerar pena, perturbação e até medo nas pessoas que por eles passam. Pena por vê-los sujos, com má aparência, mal alimentados, abandonados, por serem crianças, até os mais velhos podem causar pena. Perturbação, por passar diversas vezes por eles, e eles pedindo a mesma coisa. E medo, pois existe tanta violência hoje em dia e estes meninos vivem sem limites pelas ruas, usando drogas que os deixam mais audaciosos.

¹¹ CARVALHO, Sarah de . *Meninos de rua do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Betânia S/C, 1997. P. 65

¹² NUCEPEC-UFC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança). *Infância e Adolescência em discussão*, Fortaleza, 1994. P. 94.

A ação policial contra esses meninos é repressiva. Muitos meninos sofrem violência e são obrigados a sair das ruas. Ou somem por algum tempo ou vão para instituições, ou até mesmo são mortos.

“...Muitas das operações voltadas exclusivamente ao trato com os “menores” foram nomeadas por termos alusivos à profilaxia ou limpeza pública, a exemplo das operações “pente fino”, “arrastão”, “varredura”, “passa-moleque”...”

“Esse tipo de prática e manifestação revela um indisfarçável desejo de ver afastado do convívio social um grupo de indivíduos cuja presença nas ruas e cujo “estilo de vida” desencadeiam reações de repulsa e intolerância numa sociedade incapaz de oferecer uma resposta mais adequada que a simples repressão ou omissão”.¹³

“Os meninos são perseguidos até quando dormem. Quando o sono chega, os meninos procuram um lugar para dormir afastados das vias mais movimentadas. Geralmente eles têm seu “mocó”, pois, segundo eles, dormir em um lugar muito visível pode significar ter que acordar com os pontapés dos policiais da ronda da noite, que são temidos pela maioria dos meninos”.¹⁴

A “limpeza da cidade” é uma questão que já existia desde a ditadura militar, quando os governos militares criaram instituições de reclusão e repressão para afastar crianças e adolescentes das ruas. A Funabem e as Febens estaduais foram criadas nesse período.

Em Dezembro de 1964, foi instituído pela lei nº 4.513 a Política Nacional para o Bem-Estar do Menor e para executá-la foram criadas, em nível federal, a Fundação

¹³ FRONTANA, Isabel C. R. da Cunha. *Crianças e Adolescentes nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1999. P. 162.

¹⁴ MORAIS, Luciana Cândida. *Meninos de Rua de Uberlândia nos anos 90*. Monografia para obtenção do título de Bacharel em História. Uberlândia: UFU, 2002. P. 49

Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) e as Febem estaduais com a finalidade de possibilitar a “reeducação” e a “reintegração” do “menor” na sociedade.

Esse “menor” apresenta uma conduta anti-social que incomoda a sociedade, por isso essa conduta precisa ser controlada ou reduzida e é nesse momento que aparecem as instituições, como a Febem e a Funabem.

O interesse do Estado autoritário ao criar a Funabem era a preocupação com a conduta anti-social e a presença cada vez mais de menores nas ruas das grandes cidades. O comportamento desses menores nas ruas significaria um fator de risco para a ordem pública, pois causavam pânico nas pessoas que por eles passavam. Pânico de serem violentadas ou roubadas.

*“A institucionalização dos menores, a ação policial, a adoção de medidas de segurança, o recolhimento dos menores detrás das grades são medidas adotadas para proteger a vida e a propriedade das classes dominantes que se vêem ameaçadas”.*¹⁵

Infelizmente o objetivo de reeducar e reintegrar o menor na sociedade não foi alcançado. A experiência tem demonstrado que o sistema de atendimento da Febem e da Funabem (hoje extinta) não alcançou seus objetivos. Os desvios de operacionalização destas instituições criaram dramas e tragédias que são lembradas até hoje.

“...centenas de menores de São Paulo iniciam o curso profissionalizante do crime nas ruas, são treinados em delegacias e viaturas policiais sob espancamentos e torturas e graduam-se em unidades da Febem. A cada reinternação, novos conhecimentos”.

“Aquele que ainda não teve tempo de aprender nas ruas, descobre o crime nas unidades da Febem”.

“Unanimidade entre técnicos, estudiosos, políticos e policiais, a Febem do Tatuapé é um dos exemplos mais pungentes de tudo

¹⁵ FALEIROS, V. A Fabricação do Menor. Brasília, *Revista Humanidades*, V. 4. Nº 12, 1992. P.11

*aquilo que não deve ser feito para “recuperar” crianças e adolescentes transgressores”.*¹⁶

Ao que tudo indica, estas instituições apresentaram falhas imperdoáveis como: a superlotação, o controle autoritário e violento, a falta de programas pedagógicos e profissionais, a falta de pessoal treinado e qualificado para trabalhar, precariedade das instalações, a falta de respeito pelo ser humano, etc.

Devido a essas falhas é que acontecem as rebeliões, onde há os quebra-quebras, incêndios, feridos e até mortes. Existem menores que já passaram por mais de três vezes por instituições e a cada vez que são reinternados aprendem novos conhecimentos sobre o crime.

“Em São Paulo, onde já se perdeu a conta do número de rebeliões neste ano, ocorreram, na verdade, motins quase diários”.

*“Em Porto Alegre, no início do mês, um funcionário que tentava acalmar os ânimos dos amotinados foi morto com um tiro no pescoço. Na semana passada também, explodiu uma rebelião na unidade da Febem em Belo Horizonte”.*¹⁷

*“É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinqüente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza”.*¹⁸

O estigma ainda é outro dos tantos problemas que os menores sofrem. São estigmatizados como pivetes, malandros, trombadinhas, ladrões, e etc. Estigmas que são introjetados por eles.

Outros termos também são usados para designar os meninos de rua como: “menor carente”, “menor abandonado”, menor infrator”. Mas quem é esse menor de que tanto se fala? No registro jurídico, designa alguém que ainda não atingiu a maioridade

¹⁶ Um furacão passou aqui. *Revista Visão*, 4 de Novembro 1992, ano XLI, nº 45

¹⁷ Crime contra o futuro. *Revista Veja*, 22 de Setembro 1999, ano 32 nº 38

¹⁸ FALEIROS, V. “A Fabricação do Menor”. Brasília, *Revista Humanidades*, V. 4, Nº 12, 1992. P.11

legal e deve ser aplicado a todos os menores legais. Mas esse termo não vem sendo aplicado a todos da mesma maneira. É um termo ambíguo que é criticado por Passetti:

*“Ser menor é mais que ter menos de dezoito anos. Aliás, os que são filhos de “famílias organizadas” são crianças e jovens, menores são os outros”.*¹⁹

Os “outros” a que Passetti se refere são aqueles filhos das famílias “desorganizadas”, são aqueles que vivem na situação de marginalidade social.

*“Na sua ambigüidade, “menor” tornou-se indicador de certa categoria de criança/adolescente que, pela sua origem social, constitui um problema para a sociedade”.*²⁰

As crianças e adolescentes que vivem ou permanecem nas ruas por um grande período de tempo, originárias das populações de baixa renda, apresentam além de carência material, carência afetiva e cultural. A falta de afetividade da família propicia às crianças, baixa-estima e falta de estimulação para freqüentar a escola e realizar as atividades exigidas por esta.

Nos lares da população de baixa renda existe uma deficiência de materiais instrutivos (revistas, jogos, jornais, livros, etc.), há também a ausência dos pais para ajudar nas tarefas escolares dos filhos, a necessidade de trabalho precoce dos filhos, e o sistema de ensino inadequado (distante das experiências cotidianas). Tudo isso contribui para a repetência, a ausência e a evasão escolar dessa população infanto-juvenil, que mais tarde serão adultos analfabetos.

Assim como milhares de meninos vivem nas ruas, Esmeralda do Carmo Ortiz também viveu durante muito tempo nas ruas de São Paulo e hoje tem em seu livro *“Esmeralda: por que não dancei”*, o relato de sua vida, de como viveu nas ruas, como conviveu com a violência, com as drogas, com a indiferença, com a miséria e como conseguiu reconstruir sua vida, recuperando sua dignidade e a sua auto-estima.

¹⁹ PASSETTI, Edson. *O que é Menor*. São Paulo: Brasiliense, 1986. P. 23

²⁰ PINO, A. A questão do menor e o significado da infância na sociedade burguesa. *Educação e sociedade*. Campinas, nº 28, 1987. P. 45

A história de Esmeralda não é diferente das histórias de outros meninos. Ela era muito pobre e pedia esmolas com a mãe na rua. Morava com a mãe e dois irmãos num barraco na Vila Penteados. A mãe era alcoólatra e batia muito nela e nos irmãos. Quase tudo que ganhava gastava com bebida.

“Quando eu catava ferro-velho, acordava de manhã e ia pedir pão duro, pele de galinha e gordura no açougue. Pegava capim-cidreira e fazia chá para tomar de manhã. Pegava legumes estragados, mas graças a Deus nunca tive doença. Pão com mortadela pra mim era luxo.” (Esmeralda).

Esmeralda, muitas vezes, pensou em matar a própria mãe. Pediu esmolas com a mãe até os oito anos aproximadamente, depois começou a sair de casa e não tinha horário para voltar. Muitas vezes sonhava em ter outra mãe e um pai.

Na rua, Esmeralda se sentia mais feliz do que em casa, tinha liberdade para ir a todos os lugares, pedia dinheiro e comprava o que queria. Conheceu vários meninos na mesma situação que ela. Conheceu as drogas e fumou pela primeira vez a maconha, que os outros lhe ofereceram e começou a cheirar cola. Aprendeu a lei da rua: não caguetar, não roubar do outro, não estuprar. Ela mesma foi estuprada muitas vezes por pessoas fora do grupo e tomou trauma de homem e passou a se vestir como menino para se proteger dos homens.

Segundo Esmeralda

“Noventa por cento das meninas que moram na rua sofrem abusos sexuais. Umas já sofrem em casa, outras vão pro lado da prostituição e os caras não respeitam. Por isso o único jeito dos homens não abusarem é as meninas andarem como homem, porque eles confundem.”

Dos 10 aos 19 anos escolheu não ter relação com nenhum homem, mas teve envolvimento com mulheres, mas não deixava que elas lhe tocassem. Mais tarde aprendeu a roubar e a usar o crack e quanto mais fumava, mais vontade dava e para comprá-lo precisava roubar. Com 14 anos, começou a vender crack, era disputada pelos traficantes

porque era mais esperta para vender. O crack para ela era tudo, colocava ele em primeiro lugar. Na fala de Esmeralda, pode-se notar o quanto o crack era importante na sua vida:

“Cada vez que eu usava, mais eu queria. Eu vivia pra usar e usava pra viver, e assim mergulhava na monotonia. Às vezes ficava uns dois meses sem tomar banho. Perdi o amor-próprio e pelas pessoas, e pior: perdi a dignidade.”

Ela ainda relata que quem usa o crack perde o afeto e que tem menino que mata a mãe, mata o pai e não está nem aí. Esmeralda passou várias vezes pela Febem da Imigrantes e do Tatuapé e até para a cadeia ela foi por ter mentido dizendo que era maior de idade.

“Era aquela vida sempre. Entre Febem e passagens por distrito e cadeia eu devo ter ido umas 50 vezes. Muitas vezes eu nem chegava lá, porque na metade do caminho eu fugia.”. (Esmeralda).

Conta sobre as humilhações e o sofrimento que passou dentro da Febem:

“A gente apanhava sempre, era uma condição de vida muito precária”.

“A Febem era um campo minado, eu era maltratada. A Febem zoa pra caramba, deixa você psicologicamente e fisicamente detonado”.

“Os funcionários eram cruéis, eles detonavam. E não dava pra reagir, porque vinham dez homens em cima da gente, pra dar de pau”.

“Lá funcionava assim: se você fazia bagunça, por exemplo, às dez horas da noite, ficava de cara pra parede a noite toda, até às dez horas da manhã, de pé, sem se mexer”.

Arrumou muita amizade na Febem. Quase todos eram da rua e ficavam na Praça da Sé. Com eles, aprendeu muita coisa para conseguir sobreviver na rua.

Nas ruas também conviveu com a violência policial e com a discriminação, com o preconceito. Os policiais entravam nos mocós e batiam em todos.

“Entravam mais de trinta, mandavam todo mundo deitar no chão e desciam o pau. Acho que um morreu de tanto apanhar. Os policiais detonavam mesmo”.

Esmeralda sofreu muito com a discriminação, com o preconceito racial. Segundo ela:

“A sociedade no geral exclui as pessoas, é muito cheia de preconceitos. Eu já via isso quando era criança e escutava: “ Não encosta nela porque ela é trombadinha”. Ou quando atravessavam a rua, com medo de mim porque eu era trombadinha”.

Freqüentou vários programas como Circo-Escola Enturmando (linha de programas preventivos e de complementação escolar desenvolvido pela Secretaria do Menor de São Paulo, de 1987 a 1992) que oferecia aulas de circo, teatro e artes plásticas; o Projeto Criança e Rua (criado no governo Montoro, antes da vigência do ECA. Era um albergue noturno e foi desativado entre 1993 e 1994); Clube da Turma da Mooca (vinculado à Secretaria do Menor desenvolvia oficinas com crianças e jovens. As crianças permaneciam no clube durante o dia e à noite um ônibus as transportava para o abrigo PCR. Entre 1993 e 1994 deixa de atender criança de rua e passa atender apenas adolescentes); Fundação Projeto Travessia (é uma parceira entre sindicatos e bancos que instituiu, em 1996, uma fundação para desenvolver programas educativos para meninos e meninas de rua) entre outros.

Com o tempo, Esmeralda começou a sentir o vazio, ficar em depressão, morrendo de vontade parar de usar droga, não estava mais agüentando e com a ajuda do Travessia ela tentou mudar sua vida, recuperar sua dignidade, conquistar seus objetivos.

Tinha sonhos como poder ter uma família decente, ser pagodeira e conhecer o Grupo Raça. No livro, há algumas letras de músicas escritas por ela.

Esmeralda foi atendida por um psicoterapeuta, foi internada em uma clínica de recuperação de drogados, arrumou emprego, e até alugou uma casa. Mas, as vezes, tem vontade de usar droga, mas não quer isso mais para ela.

Sua mãe morreu, seu padrasto também. O irmão foi preso no Carandiru, só lhe resta agora a irmã. Fazia muito tempo que queria escrever um livro sobre a sua vida, só faltava motivação. E com o acompanhamento de várias pessoas, Esmeralda fez o livro.

“O livro me fez ver de onde eu vim e, se eu voltar a usar droga, pra onde eu volto”.

Ela pensa em fazer faculdade, fazer antropologia, estudar tudo sobre o Brasil, sobre a cultura afro. Sem o apoio que Esmeralda encontrou em várias pessoas e sem a sua força de vontade não conseguiria deixar aquela vida na rua.

Outra história interessante e que me motivou muito foi a de Maria Avelina de Carvalho, autora do livro *Tô Vivu. Histórias dos meninos de rua*. A autora Maria Avelina de Carvalho, professora de lingüística, participou do curso Pesquisa Sóciolingüística oferecido na Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 1987. A linguagem de grupos adolescentes de rua tem chamado a atenção de lingüísticas e Maria Avelina pesquisou os aspectos sócio – lingüísticos que caracterizaram a linguagem dos meninos de rua de Goiânia, tema de sua tese de mestrado.

Seu objetivo era coletar dados representativos do repertório verbal dos meninos de rua. E para conhecer melhor esse repertório, foi necessário conviver com esses meninos, uma missão que não foi fácil. Este livro não é a sua tese e sim uma versão direta de seus protocolos, que parece mais um diário.

Durante um ano, Maria Avelina vivenciou a miséria, a degradação humana e o descaso pelos menores de rua de Goiânia. A aproximação de Maria Avelina com os meninos não foi tão fácil. Foram várias as tentativas, até se vestiu parecida com eles, mas isso não foi suficiente, foi preciso ser um deles e estar sempre na rua com eles.

Maria Avelina não conhecia realmente aquele universo habitado pelos meninos, a observação foi um ponto importante na sua pesquisa. E foi observando o

comportamento deles, os lugares que freqüentavam é que ela conseguiu uma aproximação, que aconteceu aos poucos. E, nas suas primeira observações e contatos, sentiu também suas primeiras angústias, indignações e emoções.

Havia diferentes grupos, formados por vários elementos, e a cada dia ela descobria pessoas novas. Entre os grupos, tinha aqueles que tinham casa, aqueles que moravam na rua, aqueles que trabalhavam vigiando carros para ajudar a família, menores e maiores de idade, meninas grávidas, aqueles que estudavam, entre outros.

Para aproximar dos meninos, ela pedia informações de certos lugares e chegou a pedir para vigiar carros e a jogar coquinhos nos postes que sustentava o semáforo, para ver quem o acertava. Teve que presenciar cenas terríveis, como os meninos cheirando cola e esmalte, ficando semi acordados para aliviar e esquecer a fome, outras vezes meninos dopados dando ataques. Isso a deixava apavorada e preocupada em ajudá-los e em pedir socorro, enquanto outros meninos já acostumados com aquelas situações a controlavam para que não chamasse a atenção das pessoas e da polícia, de quem tinham tanto medo. Às vezes não conseguia conversar com eles, pois ficavam violentos e nervosos e muitos nem a reconheciam quando estavam dopados.

Várias vezes teve que comer com os meninos sem poder recusar (é ofensa pra eles não aceitar seus presentes). Comia alimentos que, muitas vezes, tinha vontade de vomitar depois, pela falta de higiene dos alimentos e dos próprios meninos. Até de seus beijos tinha nojo (no primeiro momento de suas estadias na rua).

Diante das várias situações que presenciava junto aos meninos, fazia reflexões sobre sua vida e chegou a contar histórias de sua vida aos meninos. Histórias que não havia contado a ninguém.

Conquistar a confiança dos meninos não foi fácil. E quando Maria Avelina já havia conquistado um pouco da confiança desses meninos, sugeriu a eles gravar suas histórias para colocar num livro e que se eles não quisessem dizer o nome não precisava. Encontrou resistências de uns, mas depois conseguiu gravar, filmar e até tirar fotos.

Paciência era algo que não deveria faltar em Maria Avelina, pois, muitas vezes, os meninos perdiam o entusiasmo pelas gravações e ela aprendeu que na rua não existe tempo e que tudo é uma questão de esperar.

A convivência com os meninos a levou a sentir emoções muito fortes. Quantas vezes chorou, ficou dias sem dormir e sem se alimentar, ficou nervosa, sem paciência,

triste e, muitas vezes, solitária na resolução das causas dos meninos. Chegou a procurar médicos e a ajuda de amigos, mas não desistiu do seu trabalho.

Maria Avelina fez o máximo para não deixar transparecer que era uma pesquisadora e que estava nas ruas realizando um trabalho de pesquisa para a Universidade, pois tinha o receio de que se todos soubessem, poderiam atrapalhar ou interferir na sua pesquisa. A sua permanência nas ruas com os meninos quase todos os dias, despertava a curiosidade das pessoas que por eles passavam, de policiais e de comerciantes e várias vezes foi discriminada e barrada em estabelecimentos comerciais.

Como estava bem próxima dos meninos, sentiu que chegar o momento de dormir na rua com eles (havia adiado várias vezes por sentir medo), pois já não sentia mais medo, mas ficava preocupada, pois sabia que nas ruas acontecia de tudo, havia aprendido um pouco da vida nas ruas. Mas, durante muito tempo, sentiu medo dos maiores que controlavam os menores, que lhes tomavam o dinheiro que tinham conseguido. Medo também dos policiais, que poderiam a qualquer momento pegar a sua máquina fotográfica e o seu gravador. Por isso perdeu muitas oportunidades de tirar fotos dos meninos.

Decidida, dormiu em um barracão que chamavam de “mocó” e vivenciou pela primeira vez o que os meninos viviam há muito tempo, dormir no chão sujo, ou em papelões junto a dejetos humanos, cobrir com cobertas imundas (isso quando as tinham) todos amontoados para ficarem aquecidos. Não dormiu quase nada, lembrava de sua casa e de sua cama limpinha e quentinha e olhava aquela situação que lhe deixava ainda mais revoltada com a sociedade e o regime político.

Maria Avelina aprendeu que na rua e entre os grupos existem leis. Detestam mentira, traição, delação, conselhos com falsos valores morais, homossexualismo, covardia, fraqueza. As meninas batalham e conquistam o seu espaço na luta dentro do grupo. Se um menino as desrespeita, elas sabem como se defender. Usam a faca e furam e sangram. Os meninos usam faca e canivete para se proteger das pessoas e dos próprios elementos do grupo. Existe também uma proteção do homem para com a mulher e dos maiores para com os menores. Acreditam em Deus e em seus mocós, rezam antes de dormir.

A relação dos meninos com Maria Avelina era de respeito, de ajuda, de apoio, carinho e proteção. Eles a protegiam de tudo aquilo que acreditavam ser ruim. Se esses

meninos a respeitavam é porque ela também os respeitava como pessoas, sem controlar nada.

Além das ruas, frequentou também, por várias vezes, a Febem, o Juizado de Menores e a Delegacia de Menores, para visitar os meninos que eram presos ou para tentar saber de algum acontecimento em relação a eles.

A Febem é o órgão encarregado de reeducar os meninos de rua, mas não faz isso, segundo o juiz que conversou com a Maria Avelina. Ela pôde comprovar que a relação da Febem com os meninos é péssima e que este órgão não queria nada com o menor de rua. Além disso, praticava torturas como afogamentos, choques. O juiz sabia disso e tentou explicar que quando se descobre que algum policial praticou tal tortura, este é processado e expulso da polícia, mas ela não acreditou.

Os meninos sabiam muitas coisas a respeito dos policiais; que alguns elementos da polícia obrigavam os meninos a roubar para eles, que violentavam meninas e que batiam nos meninos sem motivos e que matavam também, mas os meninos morriam de medo de entregar os policiais ao juiz, pois eram ameaçados de morte.

As notícias dos jornais que se referiam aos menores de rua, eram lidas por Maria Avelina para os meninos, que adoravam ouvir histórias e ouviam atentamente. Mas o que ela lia era preciso explicar, pois não sabiam o significado de quase nenhuma palavra. Assim como ela não conseguia, muitas vezes, entender o vocabulário dos meninos, pois estes criaram uma linguagem própria.

Até sua própria pesquisa, seus protocolos eram lidos para os meninos e quando não concordavam, brigavam com ela dizendo o que podia e o que não podia ser escrito. Até o título do livro foi sugerido por eles.

Maria Avelina passou a ter tanta preocupação com os meninos de rua, que passou a chamá-los de “meus meninos”. As vezes, esquecia seu lado científico e o humano falava mais alto, sentia-se mãe, irmã e amiga. Sabia onde dormiam, suas estratégias de roubos e como viviam. Eles também sabiam muita coisa a seu respeito. Passou a ter um compromisso ético com o grupo e não o delataria, pois foi para a rua analisar o discurso dos meninos e não para delatá-los.

Esteve praticamente na rua todos os dias e durante um ano, sentiu na pele o que os meninos sentiam há muito tempo. No princípio de sua pesquisa, sentia nojo dos meninos, de seus beijos e de seus abraços. Depois, com a contínua convivência sentia um

enorme carinho, uma enorme vontade de abraçá-los, de estar todos os dias junto a eles. Passou a se preocupar com a saúde deles, com a gravidez das meninas, e com a fome de todos, mas sozinha não podia ajudar todos eles e ela então se sentia triste e só.

No livro, Maria Avelina o tempo todo se mostra indignada e revoltada com a sociedade, com as autoridades, com as instituições e com o regime político. Ela os xinga a todo o instante. O trabalho de Maria Avelina teve repercussão e sobre este saiu crônicas no folhetim do Jornal *O Globo*, feitas pelo Prof. Affonso Romano de Sant'Anna, cronista deste jornal em 1988. Notícias saíam nos jornais a respeito dos menores de rua durante a sua pesquisa, e as crônicas a respeito de seu trabalho foram inseridas no livro.

Entrar num grupo de menores de rua não é tão fácil, pois possuem códigos e normas próprias. E se Maria Avelina conseguiu é porque se “despiu” da sua cultura, dos seus hábitos e de sua crença.

A obra *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, mesmo sendo uma obra de ficção, retrata verdadeiramente a vida de meninos que vivem nas ruas. Uma obra que nos faz refletir sobre a questão desses meninos atualmente. O autor mostra como esses meninos são “adultificados”, como foram abandonados pelos pais e pela sociedade. Meninos que aprenderam a viver em grupo (um grupo que preserva um código de honra como forma de proteção) e em liberdade, uma vida de aventuras e de lutas pela sobrevivência. São perseguidos pelo aparelho do Estado e desprezados e condenados pela sociedade. O próprio aparelho de Estado e a sociedade através da discriminação, modelam esses menores para o crime. Com a vida que são obrigados a levar, se tornam marginais e infratores. Crescem com ódio, rancor e com um sentimento de vingança à todos aqueles que os discriminam. Mas, além desses sentimentos negativos, eles também possuem sonhos, sonhos que por um instante os levam a ter um momento de alegria. Sonham em ter uma casa, comida, uma família que os proteja e que lhes dê carinho, amor e compreensão.

O momento mais angustiante e terrível para os menores é quando eles vão para o reformatório. Lá, são maltratados como se fossem escórias da humanidade. Sofrem com a precariedade das instalações, com a superlotação, com a má alimentação e com o controle autoritário e violento.

A função de um reformatório é resgatar a dignidade e a cidadania de cada menor, de prepará-lo para a vida. E isso, só será possível através de uma boa educação, do trabalho digno, de bons profissionais que estejam preparados para lidar com os menores e

principalmente, de instituições organizadas, bem aparelhadas e com a lotação compatível com o número de vagas para os menores. Mas o que a obra deixa bem claro é que também vivenciamos hoje, o reformatório que tem a função de recuperar os menores, acaba servindo apenas para aprisionar, para humilhar e “domesticar” os menores que ali entram. Estes menores quando saem, enfrentam a mesma situação de miséria, fome, desemprego, discriminação, etc. E assim, voltam às ruas praticando novos crimes.

Ainda na obra, a imprensa aparece como um outro ponto importante que merece ser analisada. Esta procura transmitir as notícias sobre as atividades criminosas dos menores, relata apenas fatos, sem mencionar as razões verdadeiras que os levaram a praticar tais atividades. Apenas julga que os pais são culpados pelas ações dos menores, pois são pouco servidos de sentimentos cristãos e assim seus filhos são desprovidos de uma boa educação. A imprensa oculta quem são realmente os verdadeiros culpados por haver tantos menores pelas ruas.

O problema do menor de rua não é resolvido porque há um descaso total por parte da sociedade e do Estado. Querem acabar com o problema, mas de forma desumana e indigna encarcerando os menores para que estes não amedrontem a cidade, principalmente a classe dominante.

Em *Capitães do Asfalto: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia 1985-1995*”, dissertação de Mestrado de Aparecida Darc de Souza, a autora desenvolveu um estudo sobre meninos(as) de rua da cidade de Uberlândia, buscando conhecer suas condições de vida e estratégias de lutas pela conquista da cidadania.

A Dissertação nos mostra que a questão da infância e adolescência pobres, no final da década de 70 e ao longo da década de 80, se constituiu em um problema político e social. A rua passou a ser um espaço de vivência e de sobrevivência de crianças e jovens pobres no Brasil. As políticas públicas dos governos militares procuraram ocultar as péssimas condições de vida da infância pobre no país, criando instituições de reclusão e de repressão, na tentativa de manter longe das ruas crianças e adolescentes pobres. O Código de Menores (1979) foi montado no período da ditadura.

A partir dos anos 70, com a crise social e econômica, houve um crescente empobrecimento dos trabalhadores (desemprego, arrocho salarial, concentração de renda) e para contribuir com a renda familiar, a mulher foi obrigada a ingressar no mercado de

trabalho, assim como crianças e adolescentes (vendendo balas, chicletes, vigiando carros, engraxando sapatos).

Com o aumento da criminalidade e da violência no final dos anos 70 e início dos anos 80 – efeitos do modelo de desenvolvimento econômico – generaliza-se que meninos(as) de rua são delinquentes e a permanência destes nas ruas começa a gerar desconforto, medo e constrangimento para as pessoas que quotidianamente saem para o trabalho ou lazer nos centros da cidade.

Entre os anos 60 e 80, houve um crescimento populacional acompanhado de problemas sociais e a mendicância e a criminalidade preocuparam os setores dominantes. Na tentativa de acabar com tais problemas sociais, criou-se, em Uberlândia, duas principais instituições: a “ICASU - Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia”, que buscava garantir o controle social por meio do trabalho e o “Patronato dos Buritis” que funcionava como internato para crianças e adolescentes órfãos e delinquentes juvenis.

No início dos anos 80, criou-se uma política de ação assistencial por parte do poder público municipal. Com o movimento social da cidade, a prefeitura criou o Programa de Creches Comunitárias e os Centros de Formação, que funcionariam basicamente como centros de profissionalização. A proposta do poder público fundamentava-se na adequação da infância e da adolescência à ordem social pela disciplina do trabalho, pois a partir do trabalho poderia manter o controle sobre os menores.

É válido destacar a ação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - MNMMR (ONG que atua na defesa dos direitos da criança e do adolescente brasileiros, com especial atenção ao menino e menina de rua), que promoveu a luta pela conquista de direitos a todas as crianças e adolescentes, denunciando a violência cometida contra a infância e a adolescência pobres. A partir de 1985, diversos setores da sociedade brasileira e organismos ligados ao poder público, liderados pelo MNMMR, iniciaram a discussão da promoção dos direitos da criança e do adolescente.

Em 1990, o MNMMR conseguiu realizar um passo importante, pois nesse mesmo ano foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069, que substituiria o Código de Menores.

A autora faz um contraponto entre os procedimentos judiciais do período anterior a 1989 e após a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nos procedimentos especiais dos juristas que defendiam o Código de Menores, havia pouco

comprometimento do poder judiciário com a situação de meninos(as) pobres, e estes não possuíam advogados de defesa. Já nos procedimentos especiais dos juristas defensores do Estatuto da Criança e do Adolescente, havia uma preocupação com a situação familiar, social, escolar e psíquica de meninos(as) e para estes eram convocados advogados de defesa. Mas, ainda se percebe, no segundo procedimento, a ação violenta e abusiva de policiais que, na tentativa de comprovar suspeitas e arrancar confissões, usam práticas de punições caracterizadas pela violência física e psicológicas, fazendo com que os meninos(as) assumem a imagem atribuída pela lógica policial.

A autora trabalhou com processos jurídicos analisando-os, a fim de encontrar fragmentos da história de vida de meninos(as) e optou por aqueles que envolviam ações de delito, pois havia maior probabilidade de encontrar a presença de meninos(as) que vivem e/ou trabalham nas ruas e que quotidianamente se confrontam com policiais, assistentes sociais, delegados, juizes, etc. Ela teve ainda a preocupação em enfatizar as falas de meninos(as) que vivem e trabalham nas ruas de Uberlândia. As entrevistas ocorreram basicamente nas ruas e no Centro de Formação da ICASU. Para entrevistá-los, foi preciso aprender a lidar com eles, conquistar a confiança de cada um e principalmente fazer com que a entrevista fizesse sentido para eles, pois estaria pesquisando num universo diferente e estranho aos nossos padrões.

De maneira geral, todos os entrevistados eram oriundos de bairros onde a maioria da população é pobre. Apesar de ficarem boa parte do tempo nas ruas, longe dos pais, a autora observou que as crianças que pediam esmolas ainda mantinham seus laços com a família.

Para saber as razões que levavam esses meninos(as) a ficar boa parte do tempo nas ruas, a autora teve que ouvir muitas histórias, descobriu que há meninos(as) que vão para as ruas pedir esmolas para ajudar a família em casa, com a permissão dos pais, outros vão para realizar alguns sonhos de consumo. Em alguns, casos a rua se torna um espaço privilegiado de vivência, de liberdade, de autonomia, onde os meninos(as) fazem amigos, se divertem e lutam pela sobrevivência. Mas, em outros casos, ela se torna o lugar de violência. Nos relatos dos meninos(as), aparecem lembranças de violências policiais contra eles e amigos.

Enquanto estão em grupos, estes meninos(as) conseguem desenvolver regras e uma linguagem própria, conseguem até enfrentar a polícia. Mas estando isolados, a sobrevivência na rua se torna mais difícil.

O dinheiro que conseguem não será utilizado apenas para comprar comida, mas também para comprar drogas (maconha, cocaína, esmalte, cola). Na rua conseguem o que em casa e no bairro não conseguiram ter. A rua proporciona a chance destes meninos(as) conseguirem realizar seus desejos.

Surgiram várias iniciativas de caráter institucional para atender meninos(as) de rua. Mas ainda se percebe falhas na organização e nos procedimentos de diversas instituições. Nestas quando os meninos(as) sofrem maus tratos, eles geralmente saem ou fogem da instituição, voltando a freqüentar as ruas.

É inacreditável que ainda possa existir crianças e adolescentes vivendo nas ruas, sendo violentados, discriminados, desamparados, etc., mesmo existindo centenas de instituições governamentais ou não, campanhas para arrecadação de dinheiro e leis de proteção à criança e ao adolescente, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O ECA, mesmo sendo um importante instrumento jurídico na defesa dos direitos da criança e do adolescente, parece ser muito pouco utilizado e conhecido. O Estatuto já existe há mais de dez anos, possuindo 267 artigos, que se fossem cumpridos legalmente não teríamos crianças passando fome, doentes, morando e dormindo nas ruas, analfabetas, exploradas comercial e sexualmente, sem lar, etc.

Esse Estatuto, assim como a Constituição Federal, não deveriam ser conhecidos apenas por advogados, juízes, defensores dos direitos da criança e do adolescente, mas também por toda a sociedade. As escolas, as instituições deveriam trabalhar com o Estatuto, para que todos o conhecesse e fizessem com que fossem cumpridas todas as leis que garantem o bem-estar do ser humano. Assim, desde cedo, a criança já poderia conhecer seus direitos e exigir que fossem cumpridos.

SEGUNDO CAPÍTULO

O(A) MENINO(A) E A RUA EM UBERLÂNDIA

Assim como nas grandes capitais, Uberlândia vive também o mesmo drama de crianças e adolescentes pobres nas ruas e centenas de pessoas vivendo com extrema dificuldade. A situação é a mesma, causas e conseqüências são semelhantes e o que muda realmente são os números.

A pobreza e a miséria que afetam milhares de pessoas em Uberlândia são uma das possíveis causas da grande presença de crianças e adolescentes nas ruas, que abandonaram suas casas pressionados pelos próprios pais e pela vida difícil que levam em casa.

Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Uberlândia, a pedido da Prefeitura, mais conhecida como “Censo da Pobreza” revela que

“Uberlândia, tem atualmente 43,3% (cerca de 216 mil) de pobres e 10,7% (mais de 53 mil) de indigentes. Os índices foram levantados para uma população de 500 mil habitantes”.²¹

A pesquisa ainda apresenta os seguintes índices:

“Distribuição da população pobre por faixa etária:

16%	mais de 50 anos
19%	35 a 49 anos
15%	25 a 35 anos
21%	15 a 24 anos
29%	0 a 14 anos

Distribuição da população indigente por faixa etária :

14%	mais de 50 anos
18%	35 a 49 anos
13%	25 a 35 anos

²¹ O censo da pobreza em Uberlândia. Jornal *O Correio*, 05 de Dezembro de 2001. A – 7.

23% 15 a 24 anos

32% 0 a 14 anos”²²

Analisando os dois índices apresentados, verifica-se que a população de 0 a 14 anos é a maior vítima da pobreza e da indigência.

As dificuldades da vida como a miséria, o desemprego, a falta de dinheiro, de acesso à educação e à saúde fazem com que pais e familiares entrem em desespero e pratiquem todo tipo de violência contra os filhos. A falta de carinho e de atenção dos pais, a fome, a miséria, a violência, o alcoolismo dos pais são grandes impulsores das crianças para a rua.

Muitas crianças começam ainda cedo a frequentar as ruas com os pais para pedir esmolas, pois ainda são indefesas para reagir contra eles. Mas, à medida que crescem, a revolta em relação à vida que levam aumenta e já não obedecem mais os pais e familiares. A rua então se torna o grande refúgio para muitas crianças e adolescentes.

No sinaleiro da AV: João Naves de Ávila com a AV: Rondon Pacheco, próximo ao Center Shopping podemos notar a presença de crianças e adolescentes pedindo dinheiro. Quantas vezes passei por eles e nunca parei para pensar o que os levou para as ruas. Tive que ir para o sinaleiro e observar de perto as suas ações e conversar com eles para entender aquela situação.

No primeiro momento da minha ida ao sinaleiro, senti muito medo e, várias vezes, adiei essa ida. Depois, passei a ir mas só para observar as suas ações. Até que conheci Luciana, uma colega de curso que por coincidência também estava trabalhando com a mesma temática e sua monografia já estava quase pronta. Ela então me motivou e foi comigo ao sinaleiro. Fomos então ao sinaleiro, eram 19:00h e ficamos até 20:00h, quando os meninos foram embora após terem ganhado algum dinheiro. Eram duas meninas no primeiro momento, depois chegou outro menino. Segundo Luciana, o dinheiro que conseguem é para comprar drogas.

As vezes, os meninos nos olhavam desconfiados, mas não conversavam conosco. O último menino a chegar ficou mais perto de nós do que os outros e, as vezes, nos encarava. Ficamos sentadas na calçada observando tudo. Durante o tempo que ele ficou pedindo, ganhou algum dinheiro e bolachas e até chegou a me oferecer com gestos,

²² Idem.

mas respondi que não com a cabeça. Depois pensei: devia ter aceitado, pois assim ele viria ao nosso encontro e aí poderia me aproximar dele e conversar.

No outro dia, voltei sozinha. Sentei num barzinho próximo ao sinaleiro e fiquei tomando um refrigerante. Eram 20:00h e havia uma menina e um menino, cada um num lado da rua. Fiquei mais ou menos umas duas horas lá, no bar de um conhecido meu.

Houve um momento em que a menina veio até o bar onde eu estava acender um cigarro, mas eu não tinha fósforo. Então ela foi até o moto-taxi ao lado do bar e conseguiu acendê-lo. Depois sentou-se num banco e começou a fumar, até que um ônibus veio e ela correu para pegá-lo. Ficou só o menino. Tive uma grande chance de conversar com ela, mas não tive coragem de chamá-la.

Uma semana depois, a Luciana foi novamente comigo ao sinaleiro. Eram 18:00h, havia quatro meninos vendendo isqueiro. Ficamos sentadas na calçada observando-os, mas foi só a polícia chegar no local que eles foram saindo. Depois fomos ao estacionamento do Carrefour e encontramos mais três meninos. Eles estavam pedindo para levar os carrinhos dos clientes para ganhar algum dinheiro. Tinha o W., o M. e o I.. Eles não estavam sujos como os meninos do sinaleiro, estavam calçados. Conversamos com eles, mas me parece que muitas respostas que deram pareciam ser falsas. E então o guarda do estacionamento se aproximou e eles foram embora. Os meninos disseram que o dinheiro que ganhavam era para ajudar a família necessitada, mas não pediam na rua.

Ainda no estacionamento, encontramos outro menino, o F.S., 15 anos. Conversamos com ele, mas parecia que não queria conversa. Ele tinha a voz tão fraquinha que eu tinha dificuldade em escutar. Depois resolveu ir para o sinaleiro e nós fomos atrás dele. Sentamos no mesmo lugar de sempre e ficamos observando.

Além do F. S., tinha outro menino o J. I. L., que a Luciana já conhecia, assim também como o F. S. . E, após ganhar o dinheiro, foram embora. E como sempre correram para pegar o ônibus.

No dia seguinte, fui mais uma vez para a rua observar alguns meninos no sinaleiro do Center Shopping. Assim que desci do ônibus, já avistei dois meninos. Um estava pedindo e o outro sentado. Então me aproximei daquele que estava sentado e perguntei onde estavam os outros meninos que ficavam por ali, pois já tinha visto muitos e só havia dois. Então ele me respondeu que estavam no Lagoinha, que a polícia não deixava mais eles ficarem ali. Aí me perguntou porque eu queria saber sobre eles então expliquei

que estava fazendo um trabalho e que era estudante da UFU. Mas logo o outro o chamou para sair dali, e foram para outro lugar.

Fiquei observando mais um pouco, e resolvi dar uma volta no estacionamento para ver se encontrava alguns meninos pedindo para levar os carrinhos, mas não tinha nenhum. Então voltei para o sinaleiro e vi os dois meninos no primeiro lugar em que os encontrei. Quando cheguei perto eles estavam saindo e os chamei. Eles vieram me pedindo R\$ 0,30, falei que dava mas só se eles conversassem comigo. Então, sentamos e conversamos.

Durante a conversa, senti que estavam descontraídos, mas com certo receio em responder algumas coisas principalmente sobre drogas. Acharam que eu tinha uma câmera e que ia gravar. Quando perguntei o nome deles, ficaram enrolando para não falar, primeiro falou o apelido e com muita persistência minha falaram seus nomes. Um se chama A . I. L. e o outro D. E. . A . I. L. disse ter 15 anos, mas parecia um menino de 12 e D. disse ter 13 anos.

Perguntei a eles o que queriam fazer com 30 centavos e A. I. L. disse que queria inteirar com o que já tinha para comprar o gás para sua mãe. Seu padrasto está preso na Colônia Penal e já está quase saindo. Eles comentaram sobre alguns cascudos que levaram da polícia e afirmaram que ela não os deixa mais ficarem ali, mas reconhecem que a polícia está fazendo o seu trabalho. Disseram que não eram meninos de rua, pois tinham suas casas. E que os meninos de rua dormem em qualquer lugar, não têm destino certo. E me mostraram um lugar onde dormem os meninos de rua.

E a todo momento me pediam o dinheiro para irem embora, mas tentei enrolar o máximo. A . I. L. disse estar na 1ª série. O outro não falou, mas disse estudar. Os dois estavam muito sujos e descalços. A . I. L. me falou que seu padrasto foi preso e enquadrado na lei nº 157, que eu não sabia o que significava e ele me explicou e até perguntou: “Cê num sabe tia?” Esses meninos sabem de coisas que jamais imaginei que soubessem.

E já não conseguiam mais esperar para lhes dar o dinheiro. Então dei-lhes R\$ 1,00 para dividirem, pegaram o dinheiro e saíram correndo dizendo tiau. Disse-lhes que voltaria para conversar mais com eles e eles consentiram. Ao se despedir D. E. afirmou: “fica com Deus”.

Num outro dia, fui para o sinaleiro às 19:00 e lá chegando encontrei A . I. L. e o chamei para conversar. Sentamos no passeio, e enquanto conversávamos chegaram mais dois meninos . W. L. que tem 15 anos e W. que tem 18 anos, mas parece ter 13 a 14 anos e que não tem lugar próprio para dormir, vão “para onde o vento levar”, como diz A . I. L.. W. ganhou um litro de leite de caixinha e rapidinho o vendeu para um dos moto-boys, que tem perto do sinaleiro, por R\$ 0,50, pois queria dinheiro vivo.

De repente chegou um rapaz que sentou-se ao nosso lado e ficou observando a nossa conversa. Às vezes, falava algo. Os meninos estavam aflitos para ir embora, e pediam a todo o minuto pelo dinheiro que prometi a eles. Ficavam perguntando a hora a todo instante e diziam que tinham que ir embora às 20:00h.

Assim que o ônibus apontou, eles saíram correndo para pegá-lo e ir embora. Fiquei, então, conversando com o rapaz que disse conhecer muito os meninos que ficam por ali. Seu nome é André e mora no Saraiva.

Perguntei a André o motivo pelo qual os meninos pedem dinheiro ali e ele respondeu que era para comprar drogas, que os meninos tinham famílias desestruturadas e por isso estavam ali. Ele já conhece os meninos há muito tempo e disse que muitos dormem na porta da Auto Escola Silvana, atrás do Uberpalace Hotel. Muitas vezes foi comprar drogas para os meninos no Lagoinha, e ganhava um “dinheirinho”. Disse que os meninos usam crack e que o crack deixa a pessoa paranóica com olhos arregalados e que tira a fome e o sono. Talvez seja por isso que os meninos não se desenvolvem fisicamente, o aspecto físico não corresponde à idade. Eles são tão magrinhos, que dá pena.

Expliquei para André sobre a minha pesquisa e ele então chamou mais dois meninos para conversarem comigo. D. E. veio primeiro, também já o conhecia. Ele me disse que morava com a mãe e o padrasto e que este bebe muito e bate nele e na mãe. Por isso, muitas vezes dorme na rua. Está na 1ª série. Ao lhe perguntar o que iria fazer com o dinheiro que tinha ganho, respondeu que ia ajudar em casa.

Os meninos não falavam sobre drogas, mas André disse que o dinheiro que ganham é para comprá-las. Já o outro menino, o Rodrigo da Silva Costa, 18 anos, disse que usa maconha e crack e que elas “fazem a cabeça”. Disse morar com as irmãs e a mãe e que já foi para o CISAU (Centro de Integração Social do Adolescente de Uberlândia – Instituição que recebe adolescentes que cometeram atos infracionais) cinco vezes por roubos e uso de drogas. Estudou até a 4ª série.

André disse que os meninos não pensam no futuro, que eles vivem o agora, o momento. Eles não se preocupam com o estudo, com o que serão no futuro.

Observei o quanto eles ganham moedas, vi muitas em suas mãos mas logo seriam usadas para adquirir drogas. Eles sabem muito bem como chegar nas pessoas e pedir. As vezes, chegam com cara de sofrido, triste, com as mãos para trás, pedindo dinheiro para comprar comida ou ajudar a família. Mas, na realidade, o dinheiro é usado para comprar drogas.

Em uma outra ocasião fui para o sinaleiro do Center Shopping por volta das 18:00h. Não tinha visto nenhum menino, apenas policiais. Fiquei dando umas voltas ali mesmo. Foi quando vi meninos sentados e deitados em colchões no passeio atrás do Uberpalace Hotel.

Havia dois meninos em pé distante do grupo, e me aproximei deles para entrevistá-los. Um deles se afastou e o outro me perguntou para que era a entrevista. Expliquei-lhe e o grupo o chamou para perto deles. Então ouvi um menino dizer: “Ih! Eu conheço aquela muié!” Aproveitei que ele me conhecia e me aproximei do grupo. Expliquei-lhes novamente o que estava fazendo ali. Sentei no chão perto deles, havia dois colchões, cobertas rasgadas e imundas. Uns estavam sentados, outros deitados. Eram cinco meninos, mas tinha um que não queria conversa pois estava drogado, acabara de fumar crack. Seus olhos estavam esbugalhados e ele não parava de andar.

Tive que ter muita paciência com os meninos, pois achavam que eu era alguém da polícia, ou assistente social. Muitas vezes perguntava alguma coisa e eles demoravam a responder e ficavam rindo o tempo todo, lutando no colchão, mexendo com as pessoas que passavam na rua e até com um empregado do Uberpalace Hotel que ficava olhando para nós.

Foi muito difícil obter respostas deles. Acho que até mentiam em algumas respostas. Eles falavam muito sobre uma vizinha que morava em frente onde eles ficavam. Essa vizinha ficou o tempo todo no portão. Os meninos disseram que ela é usuária de drogas.

No grupo, havia o D. E. , que já conhecia, o R. S., de 16 anos, o F. S. de 15 anos, o W. L. de 14 anos e o J. I. L. de 16 anos que não quis conversar hora nenhuma. R. S. disse que a família mudou-se para a Bahia e que ele mora sozinho com outros meninos na rua, mas não acreditei muito no que ele falou.

Os meninos disseram que na rua eles têm maior liberdade, podem dormir e comer a hora que querem e ganhar dinheiro, roupa, comida, etc. O dinheiro que ganham é para o seu sustento e principalmente para as drogas. Os que fumam crack vendem tudo que ganham para comprá-lo e quando não ganham nada roubam.

F. S. disse que não usa o crack e sim a maconha e que esta dá muita fome e muito sono, enquanto que o crack tira a fome e o sono e a pessoa fica paranóica, “ligadona”. Disse ainda que a pessoa que fuma o crack nunca está satisfeita, querendo sempre mais e por isso tem que arrumar dinheiro toda hora.

Segundo um site da Internet, a pedra de crack é a cocaína não refinada e misturada em solventes básicos, tem reação rápida e danificante no cérebro. É fumada em cachimbos improvisados. Provoca euforia e sensação de poder. A dependência é quase imediata. Para os viciados, a droga passa a ser literalmente tudo em suas vidas. Os dependentes têm diminuição da fadiga, da fome e da sensibilidade à dor.²³ Os meninos disseram que almoçam e tomam banho na Casa Aberta que falarei a respeito mais adiante.

As vezes, eu sentia muito medo de estar ali entre os meninos, por causa das drogas, tinha medo que eles me roubassem ou fizessem algo comigo. Dudu até perguntou se poderia dormir em minha casa e eu fiquei sem jeito, sem saber o que responder e então disse que não tinha lugar para ele dormir em minha casa e desviei do assunto. Durante a conversa eles fumavam, passavam o cigarro de boca em boca e não me ofereciam.

Eles não falaram muito da família, mas disseram que apanhavam muito, que o pai e/ou a mãe bebia muito. R. S. disse que até tinha ganhado a passagem para voltar para a sua família, mas não quis.

E enquanto a polícia estivesse ali, eles não voltariam para o sinaleiro.

O número de meninos é menor do que o número de meninas. Durante o tempo que frequentei as ruas, só pude notar a presença de duas meninas. Uma é a J. P. de 15 anos que sempre via no sinaleiro mas não tive oportunidade de conversar com ela, a outra só via raramente, também não tive oportunidade de conversar com ela.

Os meninos ficam no sinaleiro de uma maneira que não tem como chegar e conversar com eles. Ficam entre as divisões das Avenidas que são estreitas e quando o sinal fecha eles ficam andando entre os carros. Então não tem jeito de conversar com eles ali. Para conversar com eles, é preciso que se afastem daquele lugar.

²³ Endereço da Internet retirado no dia 23/08. www.msantunes.com.br/juizo/drogas.htm

As causas desses meninos estarem nas ruas são diversas como: a miséria, o alcoolismo e o consumo de drogas dos pais, a desorganização da estrutura familiar, prostituição das mães, o abuso sexual por pais e padrastos, o desemprego dos pais. Todos esses fatores em conjunto contribuem para a inserção dos meninos nas ruas.

A rua se torna um ambiente de liberdade, pois não seguem horários, não se preocupam com as tarefas da escola, com os afazeres de casa, não obedecem ninguém, podem brincar a hora que querem, podem viajar (pegando carona) sem dar satisfação a ninguém. Como o R. S. que veio de outra cidade (Nova Ponte) deixando a família. Se tiverem com fome é só pedir que as pessoas dão os alimentos. Dormem em qualquer lugar. Então é na rua que terão liberdades e facilidades para viver.

A situação de vida dos meninos são semelhantes, muitos vem do mesmo bairro, possuem escolarização mínima. Veja o quadro abaixo com as seguintes informações:

Nome	Idade	Bairro de Origem	Escolaridade
D. E.	13	Lagoinha	1 ^a
A . I. L.	15	Lagoinha	1 ^a
W. L.	15	Seringueira	1 ^a
R. S.	16	Lagoinha	1 ^a
J. I. L.	16	Seringueira	1 ^a
W. L.	14	Seringueira	3 ^a
F. S.	15	Daniel Fonseca	4 ^a
Rodrigo	18	Lagoinha	4 ^a
J. P.	15	Morada Nova	4 ^a

Algumas das informações acima foram obtidas através de entrevistas realizadas com os meninos e outras foram obtidas pela coordenadora do Programa Casa Aberta.

Analisando o quadro, vemos que eles possuem escolaridade mínima, mais alguns anos serão adultos analfabetos ou semi – analfabetos. Se continuarem nas ruas, quando forem adultos não ganharão tanto quanto ganham enquanto crianças ou adolescentes. Procurar emprego sem escolarização será um grande obstáculo para ser admitido. Enquanto crianças e adolescentes despertarão pena nas pessoas que por eles passam, mas quando estiverem adultos a vida nas ruas será mais difícil. E assim

continuarão na miséria, desempregados e analfabetos e repetirão a mesma história vivida pelos seus pais.

Além dos bairros citados, outros meninos vem de outros como D. Almir, Joana Darc, Morumbi, Laranjeira, Tocantins.

Os meninos utilizam muitas gírias para conversar. Muitas vezes, eu não entendia o que estavam falando. Na rua e em grupo eles desenvolvem uma linguagem própria. Lembro-me de algumas gírias:

- Nóiado = drogado
- Fazer baculejo = fazer revista
- Brau = maconha
- Dá um pega = fumar crack

Muitas informações sobre os(as) meninos(as) me foram passadas pela coordenadora do Programa Casa Aberta, pois os meninos por receio, pensando que eu era uma assistente social ou uma policial, não respondiam muitas coisas que eu perguntava e não conversei com nenhuma menina, mas obti as informações sobre elas através de Izabel.

A respeito das meninas ainda há um outro grande problema: o da exploração sexual. Algumas sofreram abuso sexual pelos próprios pais e padrastos e nas ruas em troca de dinheiro são levadas a se prostituírem. E ainda correm o risco de ficarem grávidas e adquirir doenças.

Não é difícil imaginar o futuro desses meninos se continuarem nas ruas, pois o uso contínuo de drogas e a má alimentação comprometerão a saúde deles. Mais alguns anos entrarão na maioridade e se continuarem roubando irão para a cadeia, aí aprenderão as coisas mais terríveis para sobreviver.

TERCEIRO CAPÍTULO

PROGRAMA CASA ABERTA

Os meninos e meninas que ficam nas ruas já são conhecidos pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Uberlândia e passaram a ser prioridade para a Prefeitura. Segundo o Jornal *O Correio* :

*“São 72 meninos e meninas nas ruas, muitos são mão-de-obra explorada e chegam a tirar R\$30,00 por dia e estão ali em busca de um complemento para a renda familiar ou destinam o dinheiro para a compra de droga. Desse total 21 são de rua, ou seja, “moram” em algum abrigo nas calçadas. A maioria usa droga, especialmente o crack, desde pequenos encontram mais conforto dormindo nas ruas do que em suas próprias casas, de onde se desligam”.*²⁴

A presença desses meninos nas ruas causa diferentes reações nas pessoas, de pena a medo. E segundo o secretário de Desenvolvimento Social, João Eduardo Máscia, duas iniciativas foram pensadas para tirar esses meninos das ruas:

*“ Atrair esses meninos para o Programa Casa Aberta, que funciona no bairro Finotti, onde eles passam o dia, recebem alimentos e participam de atividades pedagógicas e iniciar uma campanha maciça, em janeiro, contra esmolas a crianças, jovens e mendigos em geral”.*²⁵

O Programa Casa Aberta é uma ação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social que atende crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social com vivência de rua e suas famílias. O projeto inicial do programa foi escrito pela

²⁴ “ Meninos de rua são prioridade para PMU”. Jornal *O Correio*, 16 de dezembro de 2001. A-12.

²⁵ “ Meninos de rua são prioridade para PMU”. Jornal *O Correio*, 16 de dezembro de 2001. A-12.

assistente social Vera Luce Sousa Faria e pela Bernadete Maria Aparecida C. Correia que trabalhou na Vara da Infância e da Juventude há muitos anos. Esse programa existe desde 1997 e tinha, inicialmente a finalidade apenas de encaminhar crianças de rua para a justiça ou para os albergues. Não havia um espaço para levar as crianças e trabalhar com elas. O programa funcionava junto com o SOS criança. O trabalho com a família não estava inserido neste programa.

No início do programa houve uma parceria com a ICASU, mas não deu certo e o projeto não continuou. A ICASU não trabalha com meninos usuários de drogas e que têm uma vivência de rua muito acentuada e assim deixou de atender realmente essa clientela.

No ano de 2001, a Secretaria de Desenvolvimento Social detectou a dificuldade que os meninos têm de voltar para casa devido ao cenário de violência doméstica, de alcoolismo, de miséria. Então a família se tornou o foco principal do Programa Casa Aberta. Para esse novo trabalho, no ano de 2001 foi conquistado em espaço, uma casa simples alugada pela Prefeitura. A Casa Aberta está localizada na Rua Antônia Saltão de Almeida, nº 247, Bairro Finotti.

A primeira equipe, formada pela Isabel Cristina Alves de Souza, Andréa Tedesco que hoje coordena o CISAU, Filemon Pereira e Elisângela Márcia dos Santos, saiu pelas ruas fazendo abordagens, conversando com os meninos, ganhando a confiança deles para que pudessem falar a respeito de suas vidas. Depois visitou as famílias para detectar os principais problemas e oferecer a ajuda necessária.

A equipe do Programa Casa Aberta conta hoje com dez profissionais: a coordenadora Izabel Cristina Alves de Souza, que coordena, de forma geral, as abordagens, os eventos, o acompanhamento dos meninos e das famílias, a parte burocrática. Todos os relatórios emitidos ao Conselho Tutelar ao juizado, à promotoria passa por ela antes para ser discutido com a equipe. A Itelvina A. Costa é instrutora de artes e ofícios. Ela cuida dos meninos, lembra das regras e horários estabelecidos, prepara o lanche. A Elisângela M. dos Santos e a Maria de Fátima Batista são oficiais administrativas e monitoras sociais. Trabalham também com a parte burocrática e fazem abordagens nas ruas, domiciliar e fazem relatórios. A Katia Santiago é pedagoga e trata da inserção dos meninos na escola, de acompanhar o desenvolvimento e comportamento dos mesmos na instituição de ensino. A Eliana Borges G. R. Silva é a psicóloga e trabalha com a orientação dos meninos e das famílias. A Maria Helena Guimarães é auxiliar de serviços gerais e também a cozinheira.

A Sandra E. Silva é assistente social, ela trabalha com o diagnóstico das famílias, com o encaminhamento para a organização de documentos. O Filemon P. Costa é educador de rua. Ele também faz abordagem dos meninos e da família, e descreve em relatórios a situação em que estão. E o Nildo é o motorista.

O Programa é mantido pela Prefeitura, mas também recebe doações (brinquedos, roupas, material escolar, etc.). A Casa é um espaço de transição, o menino e a menina entra e sai quando quer. E os que usam drogas não são proibidos de frequentá-la. Quando os meninos deixam de frequentar a rua, abandonam a droga, a vida em bando e voltam a viver com as famílias, pois estas foram orientadas e receberam a ajuda necessária, eles não precisam ir mais para a Casa Aberta. Eles são encaminhados para instituições dentro do próprio bairro onde mora ou mais próximas deste bairro: Casa do Caminho no bairro Joana Darc, Lar de Amparo e Promoção Humana Chico Xavier que há em diversos bairros, Icasu. Ele tem que retornar para o lugar de origem. E mesmo estando em outras instituições esses meninos e suas famílias ainda são acompanhados pela equipe do Programa.

O funcionamento da Casa é das 7:30 às 17:30hs, de segunda à sexta-feira. Lá é servido o café da manhã, o almoço e o café da tarde. Os meninos podem tomar banho e há também os trabalhos pedagógicos: reforço escolar, momento de leitura, atividade artística, jogos. Eles ainda fazem judô e jogam futebol no Centro do Bairro Lagoinha (local que é da Prefeitura, mas é aberto à comunidade). No Parque do Sabiá também jogam futebol e fazem natação. Na Academia UAI Q' Dança fazem dança do ventre. Há o transporte que leva os meninos para realizarem as atividades.

A equipe do Programa faz o cadastramento dos meninos para que eles possam participar das atividades. O trabalho do Programa Casa Aberta não é só com os meninos, mas principalmente com suas famílias. Elas recebem cestas básicas que lhes são entregues pela equipe do Programa em suas próprias casas. Os pais também fazem terapia familiar no Centro do Bairro Lagoinha com a psicóloga Eliana. A terapia acontece uma vez por semana, às terças- feira.

Essa terapia é muito importante porque os pais vão discutir as causas que levaram seus filhos a irem para as ruas, como devem agir com os filhos, como achar soluções para que os filhos voltem para casa, como os filhos estão comportando em casa

ou como eles/ os pais estão se comportando perante os filhos, etc. Ainda nesse grupo há mães que alertam outras mães quando estas se tornam negligentes com os filhos.

E quando os pais apresentam problemas emocionais, (quadro de depressão) eles são encaminhados para o Posto de Saúde, para que seja feito um trabalho psicológico individual. É feito também o encaminhamento de pais, alcoólatras para tratamento no AA.

Quando há oportunidade, é oferecido também cursos de capacitação aos pais. Há mães que fizeram curso de manicure e de auxiliar de serviços gerais. E algumas já estão trabalhando. Mas a falta de escolaridade dos pais dificulta a inserção dos mesmos no mercado de trabalho.

Segundo a Coordenadora Izabel Cristina:

“ 40% dos pais são analfabetos e o restante só tem 1ª à 4ª série incompletos.”

Se aos pais lhe são garantidos alimentação, emprego, saúde, educação e moradia, seus filhos não precisarão freqüentar ou viver nas ruas. Por isso, o Programa Casa Aberta procura trabalhar com a família para que os meninos possam voltar para suas casas tendo garantias de uma vida melhor do que aquela que viveram antes.

A faixa etária de permanência na Casa é dos 6 aos 17 anos e 11 meses. Os meninos de 12 a 18 anos que cometem algum ato infracional são mandados para o CISAU.

Atualmente, o Programa atende 68 meninos em situação de risco e convivência de rua. Desse número, 48 já estão no próprio bairro, já voltaram para casa e 20 ainda são considerados casos graves. Já estão tendo uma vinculação maior com a família, mas ainda freqüentam as ruas e ainda resistem em voltar para casa por terem as facilidades (ganham roupas, comida, dinheiro) e liberdades nas ruas. São atendidos 13 meninas e 55 meninos.

O abandono das drogas é uma das dificuldades enfrentadas pelo Programa. Muitos meninos são encaminhados para as Fazendinhas (Locais de internação para dependentes de drogas) para se desintoxicarem e abandonar as drogas, mas para que isso aconteça, eles tem que ter bastante ajuda e principalmente vontade própria, se não abandonam tudo e voltam para a rua e inicia o uso da droga.

O trabalho do Programa em relação às drogas é de conscientização. É através da conscientização, da orientação que aos poucos eles poderão abandonar as drogas, pois proibi-los, discriminá-los não será a solução mais adequada.

Existe também o grande comprometimento com a exploração sexual referente aos meninos. A psicóloga Eliana trabalha muito a questão da sexualidade, das doenças sexualmente transmissíveis, do HIV, do uso da camisinha, não só com os meninos, mas também com a família dos meninos. De 6 em 6 meses é realizado com os meninos o teste de HIV e até hoje não foi detectado o HIV em nenhum deles. E toda semana são distribuídos aos meninos camisinhas e anticoncepcionais para que se previnam contra as doenças e evitem a gravidez.

A construção das regras e horários com os meninos também foi muito complicado, pois estão acostumados com a liberdade nas ruas, não seguem horários. Eles tem horário para tomar o café, para almoçar, para tomar o lanche da tarde e para realizar atividades. Uma das regras mais importantes é que a Casa é um lugar de respeito, todos devem ser respeitados. Se na rua um menino apronta com o outro, ou a menina apronta com um do grupo, não podem resolver o problema com brigas e xingamentos dentro da Casa. Lá todos devem se respeitar. Os meninos lavam suas próprias roupas e estas são organizadas num armário.

O trabalho de inserir os meninos na escola também é complicado, pois a maioria está acima da idade normal, dos colegas da série que irão fazer.

A coordenadora Izabel Cristina afirma:

“ Tem adolescente de 16 anos que está na 1ª série. E o que o município oferece para esse adolescente é o ensino noturno, mas esse não é o melhor caminho para ele. A escolarização normal para esses meninos não resolve, eles tem muita dificuldade de aprendizagem. Não conseguem ficar sentados durante muito tempo com o caderno na frente aprendendo coisas que estão fora de suas realidades. É necessário que haja uma forma alternativa de atendimento para esses meninos”.

Para que a família mantenha os filhos na escola, o Programa Casa Aberta também tem feito o cadastramento dos meninos no Programa Bolsa Escola (Programa que visa a manutenção da criança na escola. Cada criança recebe R\$15,00. O Programa atende a família que tem até 3 filhos). O PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil tem o objetivo de retirar crianças e adolescentes de 7 a 15 anos do trabalho considerado degradante e perigoso. Os recursos vêm do governo federal e a responsabilidade da Prefeitura é de arcar com a manutenção do programa. Cada criança que abandonou o trabalho recebe R\$ 25,00.

Em junho deste mesmo ano (2002), nove meninos do Programa juntamente com a coordenadora Izabel Cristina e a psicóloga Eliana foram ao 6º Encontro do MNMMR . Foram de van e ficaram quatro dias. Ficaram hospedados num Centro de Convenção em Lusiânia, perto de Brasília. Essa foi uma iniciativa da própria equipe que já conhecia o movimento.

Nos encontros do MNMMR, aconteceram oficinas o tempo todo. As atividades giraram em torno do tema: *A não redução da idade penal*. E de volta à Casa, os meninos quiseram fazer um manifesto para entregar ao prefeito Zaire Resende.

“ O prefeito Zaire Rezende, recebeu ontem em seu gabinete, meninos e meninas de rua atendidos pelo Programa Casa Aberta. Na conversa, o prefeito ouviu as reivindicações e experiências dos meninos nas ruas. As principais reivindicações foram: a construção de um abrigo para que as crianças possam viver com suas famílias até estarem recuperadas, professores, ampliação da cesta básica, que já atende as famílias e casa própria”.²⁶

E dessa reunião, cinco famílias já foram inseridas no Programa Casa Fácil, que atende famílias que tenham renda mensal inferior a três salários mínimos. O custo aproximado da casa para o mutuário é de R\$ 1.080 a R\$ 3,2 mil reais que podem ser pagos em prestações de até cinco anos e são construídas em regime de mutirão, com a supervisão técnica da Secretaria de Habitação. A Prefeitura fornece todo o material.

²⁶ Jornal *Município*. 20 de Junho de 2002, ano XV, nº 1496.

O trabalho do Programa Casa Aberta é um trabalho amplo que procura atender os meninos e a família dos meninos em todos os sentidos, que exige paciência, dedicação, coragem, responsabilidade. Pois há meninos que ainda resistem em voltar a viver normalmente com a família, há famílias extremamente complicadas e ignorantes. Para fazer as abordagens domiciliares é preciso ir pelo menos duas pessoas, pois não se sabe o que vai encontrar quando chegar. O trabalho não é fácil e exige muito da equipe.

Os meninos e as famílias estão sempre sendo sondados, acompanhados, mesmo aqueles que já voltaram para casa e deixaram as ruas (mas, vez ou outra vão para as ruas). Só não há mais acompanhamento em casos que já se comprovou que o (a) menino(a) e a família já estão vivendo bem e o(a) menino(a) não voltou mais para a rua e frequenta a escola normalmente.

Todos os dias são feitos relatórios sobre como cada menino(a) chega na Casa. Cada menino tem uma ficha e há também o diagnóstico sócio – familiar de cada família. Todo comportamento dos meninos é observado e anotado. Se usam drogas, eles perdem a coordenação motora e deixam objetos cair. Quando usam o crack, eles tremem muito. É observado a quantidade de comida que comem, pois se comem muito é porque usaram maconha e se comem pouco é porque usaram o crack. E, através dessas observações, pode-se conhecer melhor o menino e a melhor maneira de trabalhar com ele.

Segundo a coordenadora Izabel Cristina, ainda falta muito para que o atendimento aos meninos em situação de risco pessoal e social com vivência de rua melhore mais:

“ É necessário que haja em Uberlândia uma rede de atendimento que se preocupe realmente com os meninos em todas as situações, que não o exclua por usar drogas, que trabalhe com a família. É necessário também de um Conselho Tutelar e de um juizado mais eficiente. Um juizado mais ágil e menos burocrático. Quando se detectar a primeira negligência na família do(a) menino(a), que o Conselho Tutelar ative o juizado ou aplique a medida necessária àquela família, cumprindo as leis do ECA o mais rápido, para evitar que a negligência continue e o(a) menino(a) saia de casa”.

●Outra preocupação de Izabel é quanto a esmola que as pessoas dão aos meninos, pois essa esmola será destinada para a compra de drogas. E pensando nisso, foi lançado em Janeiro deste ano, pela Secretaria de Desenvolvimento Social, mas com a iniciativa da equipe do Programa Casa Aberta, uma campanha alertando as pessoas para que não dêem esmolas aos meninos na rua. A forma mais certa é contribuir com entidades assistenciais ou colaborar com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este trabalho foi muito gratificante e interessante, pois deparei-me com uma realidade que pouco conhecia. No início desse trabalho, achei que seria fácil aproximar-me dos meninos para conversar. Mas não foi. Tive muito medo, pois ia somente à noite, sozinha.

Para adquirir mais conhecimento sobre os meninos que vivem pelas ruas, tive que ler bastante para ver se encontrava algo que pudesse me motivar e me ensinar a me aproximar dos meninos. Mas o medo ainda persistiu. Então ia para o sinaleiro. Mas, apenas para observá-los. E foi graças a uma colega de curso, a Luciana Cândida que também fez sua monografia sobre meninos de rua, que consegui me aproximar dos meninos. Nas primeiras vezes, a Luciana ia comigo, depois passei a ir sozinha, mas ainda tinha um pouco de medo, por causa das drogas.

As vezes sentia muita pena deles, em vê-los tão sujos e magrinhos, as drogas acabando com eles. Mas não querem sair da rua, parece que a rua os encanta. As vezes, era bom ficar sentada com eles conversando, esquecia do tempo. Ficava olhando os carros passar, o rosto das pessoas que ficavam olhando pra gente, talvez pensando que eu extorquia o dinheiro dos meninos. E eu nem me preocupava com isso e até esquecia do medo. Mas, quando voltava para a minha realidade, lembrava que estava no meio dos meninos, meu medo voltava e eu me sentia insegura e ficava imaginando o que as pessoas iam pensar de mim, ali no meio dos meninos.

Passar por esses meninos todos os dias nas ruas sem saber da realidade de vida deles faz com que pensamos que são trombadinhas, pivetes e malandros porque querem e quando matam ou roubam deveriam ser presos, encarcerados como animais selvagens ou até mortos, como deseja muita gente. Nunca se procura saber onde está a raiz do problema que faz esses meninos irem para as ruas e tentar impedir que vão.

Eu não quero aqui defender as ações praticadas pelos meninos nas ruas, mas também não quero discriminá-los. Se eles estão na rua é porque são vítimas da negligência da família, do descaso do poder público e da sociedade.

É necessário que haja programas sérios para tirar esses meninos das ruas e inseri-los em atividades que possam ocupar o seu dia-a-dia. E que não trabalhe só com os meninos, mas também com suas famílias, pois a raiz do problema começa dentro de casa.

Nas ruas eles roubam e usam drogas, mas não nasceram ladrões e drogados. Se praticam atos infracionais devem ser punidos. Mas não é melhor evitar que abandonem suas casas, ao invés de ter que puni-los mais tarde? E para isso é necessário que a família tenha melhores condições para viver como moradia, emprego, boa alimentação, saúde, educação. O poder público deve desenvolver as políticas sociais necessárias para que a miséria não afete a população.

A família é o ponto chave para resolver o problema dos meninos de rua. Ainda não havia conhecido uma instituição que trabalhasse com a família também como o Programa Casa Aberta. Pois se tira os meninos da rua, trabalha com eles, os devolve para a família, mas a família continua com a mesma vida de desemprego, fome, analfabetismo, alcoolismo, falta de moradia, o que esses meninos vão fazer em casa? Eles não vão querer voltar, a rua para eles é bem melhor.

Mas o Programa não pode resolver o problema dos meninos de rua sozinho e de imediato, depende ainda de outros órgãos como o Conselho Tutelar e Juizado para que se tome as medidas necessárias, e sabemos que a justiça é lenta.

O tema da tese de mestrado de Aparecida Darc de Souza sobre a infância e adolescência pobres em Uberlândia se refere aos anos 1985-1995 e até hoje temos meninos nas ruas de Uberlândia. Mas isso acontece porque a miséria ainda existe e está cada vez mais aumentando e se não erradicá-la, teremos alguns anos muito mais meninos nas ruas e utilizando drogas mais pesadas. E assim o poder público terá que desperdiçar dinheiro para construir mais prisões ao invés de utilizar o dinheiro hoje em políticas sociais que garantem a qualidade de vida das famílias e evite a ida dos meninos para a rua.

BIBLIOGRAFIA

- FALEIROS, Vicente. **A Fabricação do Menor**. Revista Humanidades. V. 4, nº 12, fev/1992.
- CARVALHO, Sarah. **Meninos de Rua no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Betânia, 1997.
- CARVALHO, Maria Avelina de. **Tô Vivu: Histórias dos Meninos de Rua**. Goiânia, Cegraf/UFG, 1989.
- SOUZA, Aparecida D. **Capitães do Asfalto: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia 1985- 1995**. São Paulo: PUC, 1998.
- DREXEL, Jonh. IANNONE, Leila. Rentroia. **Criança e Miséria – Vida e Morte?** São Paulo: Moderna, 1989.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE E DA CRIANÇA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Projeto Minha Gente, 1991.
- PINO, A . **A questão do menor e o significado da infância na sociedade burguesa**. Educação e Sociedade. Campinas. Nº 28, 1987.
- NUCEPEC – UFC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a criança). **Infância e Adolescência em Discussão**. Fortaleza: 1994.
- MORAIS, Luciana Cândida. **Meninos de Rua de Uberlândia nos anos 90**. Monografia para obtenção do título de Bacharel em História. Uberlândia: UFU, 2002.
- FRONTANA, Isabel. C. R. da Cunha. **Crianças e Adolescentes nas ruas de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1999.

PASSETI, Edson. **O que é menor**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ORTIZ, Esmeralda do Carmo. **Por que não dancei**. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001.

FONTES PERIÓDICAS

Revista VEJA: Ano 35, nº 03, 23 de Janeiro de 2002.

_____ : Ano 35, nº 01, 9 de Janeiro de 2002.

_____ : Ano 32, nº 38, 22 de setembro de 1999.

Revista VISÃO: Ano XLI, nº 45, 04 de novembro de 1992.

Jornal Correio de Uberlândia: 05 de dezembro de 2001. A – 7

_____ : 16 de dezembro de 2001. A – 12

Jornal Município: Ano XV, nº 1496, 20 de junho de 2002.

ANEXOS

ESTATUTO DOS MENINOS DE RUA

Artigo I

O menino de rua tem direito à infância, não a céu aberto, mas sim, abrigado no coração dos que amam.

Artigo II

O menino de rua tem direito à infância em dobro e portanto, enquanto ainda nas ruas, envelhecendo rapidamente, continuará sempre um menino.

Artigo III

O olhar do menino de rua será o olhar do Brasil e a sua tristeza cairá como um manto sobre o Brasil.

Artigo IV

A ninguém é permitido aumentar a dor do menino de rua, pois para ele, a suprema dor é viver nas ruas.

Artigo V

A lei da solidariedade humana é chamada a prestar contas. A nenhum menino de rua poderá ser negada a solidariedade, chova torrencialmente ou o sol deixe de se por.

Artigo VI

Incumbe a cada pai e a cada mãe olhar o rosto de um menino de rua com aquele amor especial com que contempla seus filhos ao anoitecer.

Artigo VII

Um menino de rua que é espancado é um pouco de nós que é espancado. A palavra espancamento deixa de existir no relacionamento da sociedade com os meninos de rua.

Artigo VIII

Nas noites de chuva, o rosto de um menino de rua deverá surgir em nosso TV, logo após o Boa Noite do Jornal Nacional, também em cadeia nacional.

Artigo IX

A profissão "Menino de Rua" será regulamentada em lei específica, deixando de existir as atividades ora existentes:

- Pedinte nas avenidas, ruas e praças do Brasil
- Vigia em estacionamentos improvisados e inseguros
- Usuário de drogas e assemelhados
- Menor delinquente nos logradouros públicos do País

Artigo X

Expressões como "finjo que não vejo" e "desculpe mas não tenho como lhe ajudar" estão severamente proibidas e não poderão servir como argumento para a omissão de socorro ao Menino de Rua.

Artigo XI

Todos os automóveis deverão facilitar a passagem de um Menino de Rua. Seu atropelamento é terminantemente proibido. Não se deve atropelar a dor móvel a que chamamos de Menino de Rua.

Artigo XII

A nenhuma autoridade constituída será permitido afirmar que governa para o povo e em seu nome exerce o poder, enquanto nas encruzilhadas da vida, os filhos do povo estejam marginalizados.

Parágrafo ÚNICO - No lugar em que um Menino de Rua estiver dormindo, seja embaixo de uma árvore ou sobre um banco de praça, deverá ser afixada uma placa com as palavras: EM OBRAS.

Artigo XIII

A ninguém será permitido maldizer a vida, reclamar do destino, se sentir infeliz enquanto houver um menino vivendo nas ruas. A eles, tão somente, serão permitidos tais desabaços.

Artigo XIV

As Meninas de Ruas, precocemente gestantes, não poderão solicitar pontapés de transeuntes como forma de aborto. A elas a sociedade deverá amparar, abrigar, cuidar.

Parágrafo Único - A sociedade, para os fins deste artigo, será representada pela pessoa que primeiro tiver conhecimento da gravidez.

Artigo XV

O homem resgatará sua condição humana, no momento em que ao contemplar o rosto de um Menino de Rua, lhe pedir perdão pelo muito que deixou de lhe socorrer.

Até então, será apenas um esboço de homem.

Que mais poderia ser dito dos sete meninos exterminados na Candelária? Destinos do Brasil. Pedacos de nós. Afeto que se enterra em nosso peito varonil.

Manifesto dos Meninos e Meninas de Rua de Uberlândia contra a redução da idade penal.

PRISÃO PARA QUE, SE A PRISÃO NÃO ENSINA A VIVER!!

O jovem não precisa de prisão, ele precisa de esporte, lazer, assistência médica e acima de tudo apoio, não só dos familiares, mas também da sociedade. Precisa de mais oportunidades com isto, ele terá seu tempo ocupado e não pensará em cometer crimes e nem em usar drogas, como é o caso dos jovens de hoje, tanto os que vivem na rua, quanto os jovens de classe média baixa.

Nas drogas a gente começa com o tinner e depois a cola de sapateiro, aí vem a maconha e o crack. E então, já era uma estrela que tinha tudo para brilhar, e que aos pouco, diante dos olhos de todos, vai se apagando, pois, com as drogas vem os delitos, roubamos para o vício e para os malandros e traficantes.

Mas isto pode mudar, basta as autoridades se conscientizarem que a cadeia não educa e sim marginaliza. Queremos que construam locais de medidas sócio-educativas para que lá possamos refletir e conhecer as coisas boas que a vida tem a oferecer.

Nós meninos e meninas de rua de Uberlândia queremos o direito de ter um abrigo noturno com pessoas que nos respeitam. Que o Casa Aberta tenha um espaço maior, para ter mais atividades.

Queremos educação legal e uma área de lazer.

Queremos que nossas famílias tenham melhores condições de vida, em casas de tijolos com comida todos os dias.

Queremos mais cidadania, dignidade e respeito, porque as pessoas acham que nós meninos e meninas de rua não temos valor algum. Nós somos meninos e meninas de rua e com a ajuda de pessoas que nos compreendem, um dia iremos recuperar.

Não queremos cadeia porque somos jovens. Cadeia não é lugar de gente. Hoje se você vai para a cadeia porque fica pedindo no sinaleiro, ou cometendo pequenos roubos, você vai sair de lá roubando e matando por dinheiro, porque na cadeia não tem bons exemplos.

Educação sim, cadeia não.

(Texto escrito pelos meninos e meninas de rua de Uberlândia, que frequentam o Programa Casa Aberta em junho de 2002.)

Comissão Local do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua